

O VELHO E O NOVO NO ANARQUISMO (RESPOSTA AO COMPANHEIRO MALATESTA)

Piotr Arshinov

No órgão anarquista genebrês *Le Réveil*, em forma de brochura, o companheiro Errico Malatesta publicou um artigo crítico do projeto da *Plataforma Organizacional*, editada pelo Grupo de Anarquistas Russos no Estrangeiro.

Esse artigo provocou em nós perplexidade e decepção. Esperávamos muito – e ainda esperamos – que a ideia do anarquismo organizado encontraria uma resistência obstinada entre os partidários do caos, tão numerosos no meio anarquista, pois essa ideia *obriga* todo anarquista que participa do movimento a tomar suas responsabilidades e a impor-se as noções de dever e de constância. O princípio favorito no qual se educou até aqui a maioria dos anarquistas pode exprimir-se pelo seguinte axioma: “Faço o que quero, não levo nada em consideração”. Assim, é natural que anarquistas desse tipo, impregnados de tais princípios, sejam violentamente hostis a toda ideia de anarquismo organizado e de responsabilidade coletiva.

O companheiro Malatesta é estranho a esse princípio, e é por essa razão que seu texto provoca-nos essa reação. Perplexidade, porque se trata de um veterano do anarquismo internacional, e porque ele não apreendeu o espírito da Plataforma, seu caráter vital e sua atualidade, que decorrem das exigências de nossa época revolucionária. Decepção, porque, para ser fiel ao dogma inerente ao culto da individualidade, ele opôs-se (esperemos que seja apenas provisoriamente) à obra que surge como uma etapa indispensável da extensão e do desenvolvimento posteriores do movimento anarquista.

Logo no início de seu artigo, Malatesta diz partilhar de inúmeras teses da Plataforma, ou então as fortalece por meio das ideias que exprime. Ele estaria de acordo em constatar que os anarquistas não tiveram e não têm influência sobre os acontecimentos sociais e políticos por falta de uma organização séria e ativa.

Os princípios retomados pelo companheiro Malatesta correspondem às principais posições da Plataforma. Poder-se-ia esperar que ele tivesse igualmente examinado, compreendido e aceitado inúmeros outros princípios sustentados em nosso

projeto, pois há um laço de coerência e lógica entre todas as teses da Plataforma. Todavia, Malatesta exprime, em seguida, de maneira contundente, sua divergência de ponto de vista em relação à Plataforma. Ele questiona se a União Geral dos Anarquistas projetada pela Plataforma poderia resolver o problema da educação das massas trabalhadoras. E a isso ele responde negativamente. Apresenta como razão o pretenso caráter autoritário da União que, segundo ele, desenvolveria a ideia de submissão a dirigentes e líderes.

Em que base uma acusação tão séria pode fundamentar-se? É na ideia da responsabilidade coletiva, preconizada pela Plataforma, que ele vê a principal razão para formular tal acusação. Ele não pode admitir o princípio que a União inteira seja responsável por cada um de seus membros, e que, inversamente, cada membro seja responsável pela linha política de toda a União. Isso significa que Malatesta não aceita precisamente o princípio de organização que nos parece ser o mais essencial, a fim de que o movimento anarquista organizado possa continuar a desenvolver-se.

Até aqui, em nenhum lugar o movimento anarquista alcançou o estágio de um movimento popular organizado como tal. A causa disso não reside absolutamente em condições objetivas, por exemplo, naquela segundo a qual as massas trabalhadoras não compreenderiam o anarquismo ou não se interessariam por ele durante os períodos revolucionários; não, a causa da fraqueza e da instabilidade do movimento anarquista reside, essencialmente, nos próprios anarquistas. Eles ainda não tentaram conduzir de maneira organizada a propaganda de suas ideias ou sua atividade prática entre as massas trabalhadoras.

Por mais estranho que isso possa parecer ao companheiro Malatesta, afirmamos firmemente que a atividade dos anarquistas mais ativos – dentre os quais, ele próprio – revestia, por necessidade, um caráter individualista; conquanto essa atividade se distinguisse por uma elevada responsabilidade pessoal, ela só dizia respeito a um indivíduo e não a uma organização. No passado, quando nosso movimento acabava de nascer como movimento nacional ou internacional, não podia ser de outra forma: era necessário colocar as primeiras pedras do movimento anarquista de massas; era preciso lançar um apelo às massas trabalhadoras para convidá-las a engajar-se na via anarquista da luta. Isso era necessário, ainda que fosse feito por indivíduos isolados e com meios limitados. Esses militantes do anarquismo cumpriram sua missão; atraíram os trabalhadores mais ativos para as ideias anarquistas. Entretanto, isso foi só parte do trabalho. No momento em que o número de elementos anarquistas provenientes das

massas trabalhadoras aumentou consideravelmente, tornou-se impossível limitar-se a conduzir uma propaganda e uma prática isoladas, individualmente ou em grupos dispersos. Continuar assim teria significado andar sem sair do lugar. Era preciso avançar para não ser deixado para trás. A decadência geral do movimento anarquista explica-se justamente assim: havíamos dado primeiro passo sem ir além.

Esse segundo passo consistia, e ainda consiste, na reunião de elementos anarquistas oriundos das massas trabalhadoras em um coletivo ativo e capaz de conduzir a luta organizada dos trabalhadores com o objetivo de realizar as ideias anarquistas.

Aos anarquistas de todos os países, a questão que se coloca é a seguinte: nosso movimento pode contentar-se em subsistir na base das velhas formas de organização, de grupos locais sem vínculo orgânico entre si, cada um agindo por sua própria conta, segundo sua própria ideologia e sua tática particular? Ou, então, nosso movimento deve recorrer a novas formas de organização que o ajudariam a desenvolver-se e enraizar-se nas amplas massas de trabalhadores?

A experiência dos 20 últimos anos, e mais particularmente aquela das duas revoluções russas – 1905 e 1917-1919 – sugere-nos, melhor do que todas as “considerações teóricas”, a resposta a essa questão.

Durante a Revolução Russa, as massas trabalhadoras foram atraídas pelas ideias anarquistas; no entanto, o anarquismo, como movimento organizado, teve ali um fracasso completo. Enquanto, no início da revolução, estivemos nos postos de combate mais avançados, assim que começou a fase construtiva, permanecemos dela irremediavelmente apartados e, portanto, fora das massas. Isso não foi efeito do acaso: tal atitude decorria *inevitavelmente* de nossa própria impotência, tanto do ponto de vista organizacional quanto de nosso confucionismo ideológico.

Esse fracasso teve por causa o fato de que, durante toda a revolução, os anarquistas não souberam fazer a exposição de seu programa social e político, e só se aproximaram das massas trabalhadoras com uma propaganda fragmentada e contraditória; não tínhamos uma organização estável. Nosso movimento foi representado por organizações casuais, surgindo ora aqui ora acolá, sem que elas próprias soubessem, de maneira firme, o que queriam, e, na maioria das vezes, desaparecessem ao fim de algum tempo sem deixar vestígio. É preciso ser desesperadamente ingênuo e tolo para crer que os trabalhadores poderiam seguir e participar de tais “organizações” durante a luta social e a construção comunista.

Adquirimos o hábito de atribuir o fracasso do movimento anarquista de 1917-1919 na Rússia à repressão estatista do partido bolchevique. Isso é um grande erro. A repressão bolchevique entravava a difusão do movimento anarquista durante a revolução, mas ela não constituía o único obstáculo. Foi mais a *impotência interna* do próprio movimento anarquista uma das principais causas desse fracasso, impotência proveniente da indeterminação e da indecisão que caracterizavam suas principais posições políticas no plano organizativo e tático.

O anarquismo não tinha uma posição firme e concreta sobre os principais problemas da revolução social, posição necessária para satisfazer as massas que criavam a revolução. Os anarquistas defendiam o princípio comunista: “De cada um segundo suas possibilidades, a cada um segundo suas necessidades”, mas jamais se preocupavam em aplicar esse princípio à realidade. Permitiram, assim, a elementos suspeitos, transformar esse grande princípio em uma caricatura do anarquismo – lembremos apenas quantos escroques aproveitaram-se desse princípio para açambarcar bens da coletividade, em seu proveito pessoal, durante a revolução. Os anarquistas falavam muito da atividade revolucionária dos próprios trabalhadores, mas não puderam indicar a essas massas, ainda que de maneira aproximada, as formas que deveriam assumir essa atividade; não souberam regular as relações recíprocas entre as massas e seu centro ideológico. Excitaram as massas para sacudir o jugo da autoridade, mas não indicaram o meio de consolidar e defender as conquistas da revolução. Faltaram-lhes posições claras e programas de ação precisos em face de muitos outros problemas. Foi o que os afastou da atividade das massas e consagrou-os à impotência social e histórica. É aí que se deve buscar a causa primordial de seu fracasso na Revolução Russa.

E não duvidamos que, se a revolução eclodisse em vários países da Europa, os anarquistas sofreriam a mesma derrota, pois não estão menos – eu diria que estão ainda mais – divididos no plano das ideias e da organização.

A época atual – quando, aos milhões, os trabalhadores engajam-se no campo de batalha da luta social – exige dos anarquistas respostas diretas e precisas a toda uma série de questões relativas a essa luta e à reconstrução comunista que deve suceder-lhe; ela exige, igualmente, a responsabilidade coletiva dos anarquistas em relação a essas respostas e à propaganda anarquista em geral. Se os anarquistas, como qualquer um nesse caso, não assumem essa responsabilidade, não têm o direito de propagar suas ideias de maneira incosequente entre as massas trabalhadoras, as quais lutam consentindo pesados sacrifícios e perdendo vítimas inumeráveis.

Nesse nível, não se trata de um jogo e nem de um objeto de experimentação. É por isso que, enquanto não tivermos uma União Geral dos Anarquistas, não poderemos fornecer respostas comuns a todas essas questões vitais.

No início de seu artigo, o companheiro Malatesta parece saudar a ideia da criação de uma vasta organização anarquista; entretanto, ao repudiar categoricamente a responsabilidade coletiva, ele torna impossível a realização de tal organização. Isso porque ela só seria possível se houvesse um acordo teórico e organizacional, que constituísse uma plataforma comum, a partir da qual poderiam encontrar-se numerosos militantes. Na medida em que essa plataforma fosse aceita, ela tornar-se-ia obrigatória para todos. Aquele que não reconhecesse como obrigatórios esses princípios de base não se tornaria – por sinal, nem desejaria tornar-se, por si mesmo – membro da organização.

Desse modo, essa organização constituiria a união daqueles que teriam uma concepção comum da linha teórica, tática e política a ser realizada.

Por consequência, a atividade prática de um membro da organização – que aceitou o programa sobre o qual se funda a organização – encontrar-se-ia naturalmente em plena harmonia com a atividade geral, e, inversamente, a atividade de toda a organização não poderia estar em contradição com a consciência e a atividade de qualquer um de seus membros. É isso que caracteriza o princípio da responsabilidade coletiva: a União inteira é responsável pela atividade de cada membro; sabendo que ele não pode realizar seu trabalho político e revolucionário senão no espírito político da União. Do mesmo modo, cada membro é plenamente responsável pela União inteira, uma vez que sua atividade não pode ser contrária ao que foi elaborado por todos os seus membros. Isso não significa absolutamente praticar o autoritarismo, assim como afirma, de maneira errônea, o companheiro Malatesta; é somente a expressão de uma compreensão consciente e responsável do trabalho militante.

É evidente que, conclamando os anarquistas a organizar-se na base de um programa definido, não retiramos, contudo, dos anarquistas de outras tendências, o direito de organizarem-se como bem quiserem. Entretanto, estamos persuadidos de que, assim que os anarquistas tiverem criado uma importante organização, o vazio e a vaidade das organizações tradicionais revelar-se-ão de maneira flagrante.

[...] O princípio da responsabilidade é compreendido pelo companheiro Malatesta no sentido de uma responsabilidade moral dos indivíduos e dos grupos. Eis

por que ele só outorga aos congressos e às suas resoluções o papel de uma espécie de conversa entre amigos, emitindo, em suma, apenas votos platônicos.

Essa maneira tradicional de pensar o papel dos congressos não suporta a mínima prova da vida. Com efeito, qual seria o valor de um congresso que só faria emitir “opiniões” e que não se encarregaria de realizá-las na vida? Nenhum. Em um vasto movimento, uma responsabilidade unicamente moral e não organizacional perde todo seu valor.

Vem então a questão que se refere à maioria e à minoria. Pensamos que toda discussão sobre isso é supérflua. Na prática, ela foi resolvida há muito tempo. Sempre e em toda a parte, entre nós, os problemas práticos foram resolvidos pelo voto por maioria. E isso é completamente compreensível, pois não há outro meio de resolver esses problemas no seio de uma organização que deseja agir.

Em todas as objeções apresentadas contra a Plataforma, falta até agora a compreensão da tese mais importante que ela contém: a compreensão de nossa *abordagem do problema organizacional* e do método para sua resolução. Com efeito, sua compreensão é extremamente importante e possui um significado decisivo para uma justa apreciação da Plataforma e de toda a atividade organizacional do grupo Dielo Truda.

[...] A única via para afastar o caos e reavivar o movimento anarquista é uma *clarificação* teórica e organizacional de nosso meio, levando a uma *diferenciação* e à *seleção* de um núcleo ativo de militantes, com base em um programa teórico e prático homogêneo. É nisso que reside um dos principais objetivos de nosso texto.

O que representa essa clarificação e como ela deve ser conduzida? A ausência de um programa geral homogêneo foi sempre um problema muito sensível no movimento anarquista, e contribuiu para torná-lo frequentemente muito vulnerável, e para que sua propaganda jamais tivesse sido bem coerente e consequente com as ideias professadas e os princípios práticos defendidos. Muito pelo contrário; aconteceu, com frequência, que aquilo que era propagado por um grupo fosse denigrado por outro. E isso não apenas nas aplicações táticas, mas também nas teses fundamentais.

Alguns defendem tal ordem de coisas dizendo que assim se exprime a variedade das ideias anarquistas. Bem, admitamo-lo. Mas qual interesse pode representar essa variedade para os trabalhadores?

Eles lutam e sofrem *hoje e agora*, e necessitam imediatamente de uma concepção justa da revolução que possa conduzi-los imediatamente à sua emancipação;

eles não necessitam de uma concepção abstrata, mas de uma concepção viva, real, elaborada e que responda às suas demandas. Enquanto isso, os anarquistas, com frequência, propõem, na prática, inúmeras ideias, sistemas e programas contraditórios, dos quais o mais importante avizinha o insignificante, ou, então, contradizem-se uns aos outros. Em tais condições, é facilmente compreensível que o anarquismo não pôde e *jamais poderá*, no futuro, impregnar-se nas massas e tornar-se com elas um único corpo, de maneira a inspirar seu movimento emancipador. Pois as massas sentem a futilidade das concepções contraditórias e delas se afastam instintivamente; isso a despeito de que, em período revolucionário, elas ajam e vivam de maneira anarquista.

Para concluir, o companheiro Malatesta pensa que os sucessos dos bolcheviques no país deles impedem os anarquistas russos, que editaram a Plataforma, de dormir tranquilamente. O erro de Malatesta deve-se ao fato de que ele não leva em conta a circunstância extremamente importante de que a *Plataforma Organizacional* é produto não apenas da Revolução Russa, mas também do *movimento anarquista nessa revolução*. Ora, é impossível não levar em consideração essa circunstância se se quiser resolver o problema da organização anarquista, de sua forma e de suas bases teóricas. É indispensável interrogar-se sobre o lugar que ocupou o anarquismo na grande convulsão social em 1917. Qual foi a atitude das massas insurgentes em relação ao anarquismo e aos anarquistas? O que elas apreciaram neles? Por que, malgrado isso, o anarquismo sofreu uma derrota nessa revolução? Que lições extraiu disso? Todas essas questões, e outras mais, devem inevitavelmente ser feitas àqueles que abordam as questões apontadas pela Plataforma. Foi o que o companheiro Malatesta não fez. Ele abordou o problema atual de organização na distração dogmática. E isso é bastante incompreensível para nós, que nos habituamos a ver nele não um ideólogo, mas um praticante do anarquismo real e ativo. Ele contenta-se em examinar em que medida as teses da *Plataforma* estão ou não de acordo com os pontos de vista tradicionais do anarquismo; depois as refuta, achando-as opostas a essas velhas concepções. Não lhe vem à mente nem mesmo que isso poderia ser o inverso; que são precisamente estas concepções que poderiam ser errôneas, e que foi o que necessitou o surgimento da *Plataforma*. É assim que se pode explicar toda a série de erros e de contradições ressaltados anteriormente em seu texto.

Observemos ainda, nele, um grave esquecimento: ele não se detém absolutamente nas bases teóricas, nem na parte construtiva da *Plataforma*, mas unicamente no projeto de organização. Nosso texto não refutou apenas a ideia da

síntese, bem como aquela do anarcossindicalismo, considerando-as inaplicáveis e falidas; ele também avançou no projeto de uma *reunião dos militantes ativos do anarquismo com base em um programa mais ou menos homogêneo*. Teria sido necessário que o companheiro Malatesta detivesse-se com precisão sobre esse método; ele, contudo, passou em silêncio por ele, bem como por toda a parte construtiva, ainda que suas conclusões apliquem-se aparentemente ao conjunto da Plataforma. Isso dá a seu artigo um caráter contraditório e instável.

O comunismo anarquista não tem por que demorar-se no impasse de seu passado; ele deve superar-se, combatendo e corrigindo seus problemas. O aspecto original da *Plataforma* e do grupo *Dielo Truda* consiste justamente no fato de que eles são estranhos aos dogmas caducos, às ideias prontas, e que, bem ao contrário, esforçam-se para conduzir sua atividade tratando de fatos reais e atuais. Esse procedimento constitui a primeira tentativa de fusão do anarquismo com a vida real, e da criação de uma atividade anarquista nessas bases. É só assim que o comunismo anarquista libertar-se-á das tenazes de um dogma obsoleto e impulsionará o movimento vivificante das massas.

Dados técnicos:

* Este texto foi publicado em *Dielo Truda* nº 36, de maio de 1928, pp. 4-11.

* Traduzido do russo ao francês por Alexandre Skirda, e do francês ao português por Plínio Augusto Coêlho. Revisado por Felipe Corrêa, ajustando os termos à nova tradução da Plataforma.